

HISTÓRIA DE VIDA Nº 02 – JAILTON

Minha mãe achou que meu nome devia ser Jailton, pois ficava parecido com o nome do meu pai José Carlos. Minha mãe sempre achou que os menino deveria ter nome parecido com o de meu pai, nem só o nome, trabalhar como ele, fazer as coisas que o homem faz na roça – o trabalho pesado de sustentar a família. Minha família tem meu pai, minha mãe e quatro irmãos. Todo mundo é lavrador, menos minha irmã, que é dona de casa. Minha mãe, além de trabalhar na roça, bota barraca na feira dia de sábado. Eu sou o mais velho: ajudo muito no trabalho; sempre foi assim porque todo mundo tinha que trabalhar pra ajudar no sustento da casa. Mas lá sempre foi separado o trabalho dos homens: a gente sempre pegou mais no pesado; a minha irmã era mais ajudando mãe. Eu nasci em Jacobina e fiquei morando na roça esse período todo, na Várzea Comprida, município de Várzea do Poço. Era um lugar que não tinha escola, não tinha nada. Antigamente não tinha nada, não fazia nada; eu só ajudava meu pai na roça.

Na minha infância, brincadeira era bem pouco, a gente quase não tinha vizinho, era só entre eu e meus irmão mesmo. Brincava pela roça de cavalo de pau, brincadeirinha velha da roça. A brincadeira da roça é junto com o trabalho e com as coisas da natureza mesmo. A gente trabalhava, estudava, e brincar... só quando dava certo. Eu sempre morei na roça. Com uns seis anos, comecei a trabalhar na roça, junto com meu pai, capinando; ajudava ele a arar terra, capinar na roça com enxada, serviço de roça que ele tava fazendo, eu tava junto; sempre ele levava eu pra roça com ele; outra hora não fazia nada. Outra hora ia pra roça, ia mais ele e ficava lá mais ele, não trabalhava, mas ficava junto com ele. Ele me chamava e eu ia. Era da roça pra casa. Como meus irmãos era mais novo, aí o mais velho era eu, aí sempre levava eu com ele. Até pra feira vinha bem pouco (era mais difícil); não era sempre que vinha pra rua, na feira não. Eu me criei na roça e foi aqui na roça que aprendi quase tudo o que eu sei e o que eu sou hoje. No roçado, no curral, em todo lugar que a gente vive na roça que fez que eu entendesse de roça. Quando eu era pequeno, que tinha dois anos, eu fiz uma aventura que quase eu morro. Minha mãe saiu pra roça pra trabalhar mais meu pai; largou eu dormindo umas dez horas do dia; aí ela largou um candeeiro de roça debaixo do fogão. Aí eu acordei chorando: cheguei, peguei o candeeiro debaixo do fogão, tirei o pavio e botei na boca. Quando ela chegou, eu tava chupando. Eu desmaiei, quase morro. Aí minha tia me deu leite e me salvou. Quando minha mãe chegou, eu tava ainda com o pavio engasgado. Com dez anos, eu me mudei de lá da Várzea Comprida, onde a gente morava e fui pra outra localidade que

tinha escola e lá foi bem melhor: eu comecei a estudar. A escola era perto: era em frente à casa de Binete; ia andando um quilômetro... ia com meus irmão, com os vizinho. Eu comecei a estudar com dez anos porque eu morava na roça e não tinha escola. Na roça que eu morava, antes não tinha evolução nenhuma. A escola mais perto tinha uns cinco quilômetros; aí não tinha transporte, a gente não ia a pé e ficou sem estudar. Aos dez anos, meu pai se mudou de uma roça pra outra, pra ficar mais perto da escola pra gente estudar, eu e meus irmãos, aí já era eu e meus irmãos, e a gente começou a estudar os três junto. Comecei lá no Amarante, na alfabetização, estudando com Marluce.

A leitura ((estudo)) pra mim chegou muito tarde. Eu, até essa idade, só sabia trabalhar na roça, até que eu fui pra escola e comecei a aprender a contar, escrever e ler. A escola primeira que eu estudei – da alfabetização até a primeira série – foi na capelinha da igreja no Amarante. Lá tinha dois lugar pra escola, tinha o prédio municipal e a capelinha porque os aluno era muito, e a comunidade pediu pra o padre a capelinha pra dá as aulas. Estudava os maiores no prédio e os da alfabetização e a primeira na capelinha. Na capela, a gente tinha que ter cuidado com as coisas da igreja. A gente sentava nos bancos da capelinha, e a professora colocava o quadro preso nos banco também. A professora tinha um cuidado com o lugar porque era igreja de lá. A alfabetização e a primeira foi assim dentro do lugar que a gente ia pra missa no domingo. A gente sempre rezava pra começar a aula. Depois eu fui estudar no prédio até a terceira. Na terceira série, eu perdi de ano e fui pra rua. ((cidade)) Eu estudava lá no Colégio Municipal; eu vim estudar na rua um ano de bicicleta. Todo dia eu ia e voltava pra casa: tinha que sair cedinho da roça pra chegar no horário. Era cansativo ir, mas eu nem importava porque ia ser melhor pra mim porque eu já tava atrasado na idade e, se ficasse na roça, atrasava mais ainda. A dificultadizinha era que os aluno da rua ((cidade)) criticava, dizia que era da roça, que tinha isso, tinha aquilo, chamava de tabaréu, mas logo eu acostumei também e acabou as crítica. A bicicleta, eu largava na casa de minha vó e vinha andando pro colégio; não vinha de bicicleta até o colégio... não dava certo por conta dos alunos da rua ((cidade)); era cansativo também vim de bicicleta. Chegava em casa uma hora, duas horas, aí eu chegava e ia ajudar meu pai na roça, fazia o dever de casa depois, aí venceu o ano assim. No outro ano, tinha um carro da prefeitura que pega aluno e eu fiz a quarta série que eu estudei na mesma escola.

Na rua ((cidade)), o ensinamento é bem melhor que da roça, o professor tinha mais tempo. Na roça, não era porque o professor era ruim que não sabia ensinar. O negócio é que tinha muita

série; aí atrapalhava tudo - o tempo que tinha de ensinar, tinha que ensinar um, ensinar outro, e o assunto era diferente, aí atrapalhava. Eu acho que a pessoa vim estudar na cidade é melhor, que o aprendizado facilita mais. Mesmo que na roça tivesse estudo até outra séries, eu acho que é melhor a pessoa vim, evolui mais. Agora vindo de carro a gente sai de lá seis e meia e volta dez e meia. Eu estudei quinta série normal, sexta aí perdi de ano e entrei no EJA. Pra mim o EJA foi a salvação porque eu, desde que entrei na escola, já tava atrasado na idade e, quando chegou o EJA, aí pra mim deu tudo certo. Aí estudei 5ª e 6ª, 7ª e 8ª aí fui pro 1º e 2º e agora já tô no 3º. É tudo rápido e ajuda pra quem tá atrasado na idade, como eu, e quer logo concluir pra sair pra trabalhar. A dificuldade foi a mesma dificuldade das críticas, que era aluno da roça, que era tabaréu; a mesma coisa quando eu cheguei no municipal, que os alunos era diferente, só dizendo que era da roça, que era tabaréu a crítica era mais na forma de falar, que a gente é criado sempre mais na roça, e a fala dos povo da roça é de tradição mesmo, e os colega fica criticando, porque o pessoal da roça fala tudo errado por tradição: o filho aprende com o pai; o pai aprende com os avô... a gente criado junto continua do mesmo jeito. Quando chega na escola na rua ((cidade)), o povo tem outro jeito, e aí a gente começa a aprender também com eles, misturando a fala que os pai ensina e o outro jeito da escola mesmo.

Eu estudei quinta série normal, sexta perdi de ano e entrei no EJA. Aí estudei 5ª e 6ª, 7ª e 8ª aí fui pro 1º ano e desisti e fiquei dois ano fora; voltei no 1º ano de novo Aí, em 2005, eu estudei o 1º e 2º e passei pro 3º e, o ano passado, eu desisti pra ir trabalhar; sair pra fora, fui trabalhar em São Paulo, passei sete mês. Pra gente que mora na roça, estudar e trabalhar sempre teve junto, no acostumado da gente. No 1º ano eu desisti e fiquei dois ano fora. Eu tinha ido pra Salvador; passei dois anos lá. No tempo que eu desisti no 1º ano, trabalhei lá numa fábrica de móveis, montando, fazendo entrega – eu precisava melhorar de vida, ir pro lugar mais evoluído. Lá eu senti muita dificuldade porque a gente não sabia andar direito na capital, acostumado só a ir pra roça, aí no pegar do transporte sentia dificuldade, mas chegava no lugar. Todo lugar que a gente chegava era parecido uns com outros, e tinha que se acostumar com tudo correndo; a impressão era que o tempo voava porque, se a gente não corresse, não conseguia chegar nos lugar (olha que na roça a gente sempre levantou cedo, e o dia sempre começou cedo). Aí nisso eu não tive dificuldade porque eu sempre começava o dia cedo, mas, com o passar do tempo, eu me acostumei. Lá era melhor pra ganhar dinheiro, eu era assalariado, mas eu sentia falta da roça, dos meus pai, da família. Em Salvador, eu morava com minha irmã e não estudava lá porque chegava do trabalho sete, sete e pouco e ficava tarde. Quando eu cheguei de Salvador, final de 2003, eu voltei pra roça. Em 2004, não tinha

carro pra estudar à noite e eu só podia estudar à noite porque de dia tinha que trabalhar na roça. Aí eu perdi mais um ano aqui sem estudar, desisti; só voltei no outro ano quando teve carro pra pegar a gente aqui na roça. Aí quando foi no outro ano teve carro pra estudar e eu fiz 1º e 2º, quando foi no outro ano, 2006, que eu tava fazendo o 3º eu desisti pra ir pra São Paulo. Lá eu tava trabalhando com coisa rural também; era no interior, na plantação de laranja, contratado por firma de lá, eu já fui daqui com o emprego certo. Eu recebia direitinho lá, mas voltei porque foi um contrato só de seis mês. A gente morava lá em uma casa da galera que foi daqui trabalhar. Eu trabalhava na colheita; a colheita é só seis mês (quando vence o contrato, é dispensado e volta com seis mês de novo). Não sentia dificuldade lá não; era interior, a lavoura lá é igual, mas só que a diferença é que a colheita da laranja era uma coisa que eu não tinha costume de colher, costumado a trabalhar na roça, mas com outras lavoura. Mas lá logo eu aprendi e me adaptei rápido. No início deste ano, eu voltei; cheguei em janeiro, comecei a estudar no 3º, mas já estou de novo pra desistir e ir pra lá de novo, novamente pra colheita de laranja – eu acho que vale a pena. Na verdade, tem hora que eu acho que vale e tem hora que eu penso que devia terminar logo os estudo, mas eu tô pensando neste ano trabalhar mais uma safra e o ano que vem concluir os estudo.

A escola é importante porque foi onde eu aprendi muita coisa de bom. Eu tenho vontade de continuar estudando, de fazer um vestibular na vida, mas não sei ainda de quê. Só sei que é importante pra mim, só vou pensar nisso depois. Eu acho que a diferença da escola da roça pra cidade tem mais dificuldade pra gente aprender, por causa de muito aluno, muita série numa sala só; aí dificulta um professor só pra ensinar da alfabetização a quarta série; aí o tempo fica curto pra tanta coisa. E na cidade é uma série só, um professor só e o professor tem mais tempo pro aluno.

Eu aprendi muita coisa também com meus pais, aprendi a trabalhar na roça a respeitar na roça. E a escola completou, ensinou o que meus pai não sabia: ensinou a ler, escrever, falar melhor, a ser educado. Tem umas coisas que eu aprendi com a roça, que foi localizar com o tempo; hoje eu tenho relógio, mas eu sei me localizar no tempo sem ele. Eu sei que, quando dá meio-dia, se a gente tiver trabalhando com a enxada, a gente pega a enxada e coloca em pezinha no meio da roça certinha e, se a sombra tiver em volta da enxada, é meio-dia. E, às vezes, quando a gente tá em casa – uma base de três horas da tarde – que o galo canta, todo mundo já sabe que ele canta sempre na faixa de três horas; eles têm um mode de cantar nesse horário. E também na parte da tarde, quando você vê que o sol está perto de se pôr que você

vê que é cinco horas, cinco e meia, por aí assim, a gente sabe se basear. Eu me localizo com a sombra e pelo som e também pelo avião que passa lá todo dia no mesmo horário. Tem um que passa quinze pro meio-dia e outro dez e quinze. Saber se vai chover também a gente sempre consegue. O tempo na roça depende muito de como o céu tá. Todo mundo se guia nele na região. Agora hoje tem coisa mudada, né? OUTROS TEMPO AGORA! Tem gente aí na roça de celular, tá tudo ligado nessas modernidade; aí fica diferente aqui na roça... estas coisas... porque eu aprendi o tempo pela experiência com a roça mesmo; agora tem deles aí que já não quer nem saber disso, só olha pro celular. Os tempo agora é diferente, né? Tem roça aí que tem televisão, geladeira, celular.

Tem uma ciência da roça que o povo faz sempre, principalmente, pra chuva... tem vez que dá certo ou vez não. A roça tem uma ciência dela mesma, coisas que o povo mesmo já sabe e que a gente que nasce aqui aprende. Tem um mandacaru, que diz que ele só fulora; aí fica aquela buzinha ((botão)) da flor; aí ele fica fechado... diz que ele só abre quando dá uma chuva; aí, quando ele fica com aquelas buzinhas, o pessoal diz que tá perto de chover. Tem as formiga também: quando começa a voar, criar asar e voar, diz que vai tá perto de chover e logo chove mesmo. Eu, quando era pequeno, olhava muito as formiga pra ver se chovia e era mesmo, chovia sempre quando elas tava com asas. Pra saber quando vem chuva, o povo da roça é sempre muito esperto, porque fica sempre de olho nos sinal do tempo, fica esperando também os camboeiros de março, no período de São José, que, quando chove, é sinal de muito milho no São João. Tem muita ciência aqui sobre a chuva, né? Tem a galinha que deita e fica com a asa aberta no terreiro, que é sinal de chuva também. Tem também as bases de chuva; aí já é o povo mais velho que sabe, que se basea no cruzeiro do sul, nas estrela. O animal também a gente percebe quando tá doente: ele fica sem comer, fica triste, separado dos outros, a gente conhece mesmo. A questão da vacina do animal que a gente aprende logo vendo os outro fazendo; tem que ter cuidado pra vacina não pegar no lugar errado e machucar o animal. Quando vacina, não pode logo tirar o leite do animal – dependendo do tipo de vacina que vai ver quando é que pode tirar leite de novo, aftosa mesmo é uns quatro dia.

Na roça, tem o digitório, que funciona lá como o mutirão. Toda segunda-feira tem um mutirão lá no Amarante. Tem uns dez anos que funciona assim: toda segunda-feira na roça de um vizinho. Trabalha na segunda-feira na minha roça; na outra semana na roça do outro; aí tem o grupo, faz os bilhetinho e sorteia... todo mundo já sabe onde vai trabalhar. Isso foi criado pela associação. A associação acabou, e a tradição do mutirão ficou. Toda segunda-feira faz o

bilhete, tem dez trabalhando; aí faz o bilhetinho e guarda no saquinho e faz o sorteio; quem foi sorteado joga o bilhetinho fora até rodar na roça de todo mundo até o último, quando acaba os bilhetinho, começa de novo. Eu aprendi a usar na roça, também as planta, erva cidreira pra dor de barriga e várias planta. Na roça, tem muita coisa diferente da cidade: essa organização do mutirão mesmo na rua é mais difícil. Eu aprendi com meus pai de tradição deles mesmo a não comer carne na semana santa da quarta até sexta feira da Paixão; não bater um sapato no outro porque se bater faz mal pro dono do sapato. Meu pai e minha mãe faz parte do sindicato e fazia parte antes da associação, mas acabou.

No trabalho, eu tenho experiência como lavrador desde seis anos e na loja de móveis em Salvador. Na roça, eu trabalhei na lavoura de laranja em São Paulo e aqui com milho, feijão, batata, mandioca, capim, amendoim (já plantei uma vez), eu planto e colho tudo; na criação também, criando, cuidando de gado, ovelha. Faço queimada ainda – eu sei que não é bom, mas por tradição mesmo porque meu pai sempre fez e facilita pra gente plantar, fica mais limpo. Eu faço queimada por fazer mesmo, mas sabendo que não é bom, que queima o adubo da terra mesmo, e que a terra fica fraca. Eu aro a terra, planto de máquina; tudo isso foi experiência que eu tenho no trabalho com a roça.

Quando eu vim estudar na cidade, eu escolhi vim porque era melhor porque o estudo era mais avançado. Depois que eu comecei a estudar na cidade, mudou minha maneira de falar totalmente, porque a gente convivendo na cidade a gente aprende a falar mais correto, porque o pessoal da roça só fala tudo uma matutada braba, só fala errado. Na cidade, eu acho também que tem coisa que serve de modelo, como a maneira de vestir eu acho bonito, mais arrumado. Eu tenho vontade de continuar estudando, de fazer um vestibular na vida, mas não sei ainda de quê. Só sei que é importante pra mim, só vou pensar nisso depois.



Foto 02 - Jailton, na Fazenda Amarante, em 15/07/07.

HISTÓRIA DE VIDA Nº 03 – JUCIVALDA

Eu me chamo Jucivalda. Quero falar um pouco da minha vida como foi. Meus pais sempre foi da roça, da Fazenda Várzea dos Patos. Meu pai se chama José Francisco Araújo. Minha mãe, Maria Batista. Os dois sempre foi da roça, da Fazenda Várzea dos Patos. Quando eu nasci, que foi na roça mesmo, eles escolheu meu nome Jucivalda. Eu sou a mais velha. Aí depois nasceu meus outro cinco irmão: Genilson, Gilson, e minhas irmã Genivalda, Geneci e Girleide. Então, pra ficar todos com a primeira letra do nome igual do meu pai, ele colocou os seis filho com J ou parecido; lá sempre foi assim, os nome parecido. Essa coisa do nome lá sempre foi importante: tinha sempre a combinação pra ficar tudo parecidinho. Meu pai sempre dizia que o nome da pessoa é uma honra, é o nome de batismo, de família, ele dizia assim do nome que a gente levava da família, dos avôs. Pra ele, era o maior desgosto da vida se alguém sujar o nome dele, era uma vergonha vê um que carrega o nome da família ((Araújo)) fazendo alguma coisa errada. Então, desde a hora de escolher o primeiro nome, que ele se preocupava em ser parecido com o dele, pra vê se seguia ele desde o nome... devia de ser por isso ((risos)). Já tenho outro nome que é do meu marido. Tem onze anos que eu casei e é o sobrenome também dos dois menino. Hoje eu sou Jucivalda Batista Araújo de Jesus, nome grande, continuei com o do meu pai e acrescentei o do marido. Aí hoje eu tenho minha família, que é meu marido e meus dois filhos; sou a única mulher da casa.

Eu tive bem uma infância... assim, de brincadeira... sempre na escola, a gente brincava em casa. Quando mainha saía mais papai, que deixava a gente com as tarefa de roça, nós cuidava logo cedo, e a gente brigava também. Eu trabalhei de enxada, trabalhei na roça desde os sete anos às vezes; tinha fumo pra quebrar a gente ia quebrar mamona, alguma coisa assim. A gente, plantava, sameava fumo, tapava as covas de fumo, que tem que tapar pra depois a gente plantar saía sameando, jogando os pezinho de fumo nas covas tapada, que era pro pessoal vinha atrás enterrando, eu só não lutava com o gado. O licuri, nós quebrava; nós era pequenininha, mas a gente conseguia quebrar. No sábado, a gente ficava em casa ia ajudar mainha a cortar, e papai vinha pra feira. A gente trabalhava até sábado e domingo, era uma batalha. Papai saía e deixava a gente cuidando da roça, ele dizia assim: “Ó, amanhã é pra vocês fazer isso”. Ele não ficava no pé, não, ele saía e deixava a gente lá. A gente cuidava mesmo; aí a gente fazia campinho de bola no meio da roça com nossos irmãos. A gente brincava de bola e depois pegava um ingaço de licuri e ficava varrendo assim pra ele não vê que a gente tava brincando lá na roça, porque lá era pra trabalhar, não era pra brincar não.

Outra hora fazia aqueles cavalos de pau: botava dois paus assim... e dizia que era o lugar da argolinha; botava rodinha assim... e a gente brincava também disso; brincava de bola, de cair no poço, um monte de coisa... macaco, capitão, um monte de coisa mesmo. Trabalhei muito e brinquei muito quando era pequena. Brincamos muito de boneca; chamava as amigas, vizinhas, primas, irmãs. Era bonecas de pano; minha tia fazia e dava pra gente. Já tinha as casinhas, já fazia as camas do que a gente encontrasse... a gente fazia as caminha e a casa toda. De criança aproveitei muito, quando era criança. Quando minha vó saía pras missas, carregava a gente; naquela época, a gente participava da igreja católica: tinha uma capelinha lá no prédio; dia de domingo, a gente gostava muito. A gente ia tudo impiriquitada pra igreja. ERA BOM! Ia padre, tinha missa, a gente fez catequese. Tinha a quebra de licuri também quando a gente era menina a gente ia muito, tinha as batatas de milho esses negócio era bom. A gente se divertia, só ia mesmo pra ficar do lado de fora brincando de bandeirinha, com a lua bonita, de eú. Era bom! Antigamente na roça era bom. A gente tinha uma casa de farinha também; era muito divertido ouvi as história na casa de farinha. Sempre na roça a gente ouvia muitas história. Os mais velho sempre contava nas quebra de licuri, nas casa de farinha: era tanta história de assombração, de coisas pelos mais velho, até hoje conto pros meus filhos. EU SINTO SAUDADE DESSA ÉPOCA!!!

Comecei a trabalhar desde sete ano e nunca deixei... como é que diz... a vida de sempre, porque nós começava a trabalhar. Papai mandava a gente ir pra roça: eu capinava; a gente plantava, coivarava... plantar alguma coisa como mandioca, milho era com sete ano. Agora capinar, coisa mais pesada foi depois dos onze. Até em Casa de Farinha também desde quinze anos. Desde os quinze anos, que eu comecei agora a trabalhar na casa de farinha, eu trabalhava pra gente e trabalhava também pra ganho. Eu ganhava também trabalhando na casa de farinha. Sempre eu era malucada, o povo dizia: “É Fôr! Que Fôr...” Meu apelido é Fôr, e falava: “Vamos atrás de Fôr pra trabalhar, que ela não tem negócio de explorar”. Toda vida eu fui doida, sempre gostei de trabalhar. Aí eu trabalhava sempre pro pessoal da Fazenda Jibóia, pra um bocado de gente; assim eu trabalhava ganhando, quebrava licuri também. Eu mais meus irmãos, a gente era unido dentro de casa; a gente não teve muita infância porque meus pai era daquele tempo dos ignorante, como diz hoje. Ele não dava facilidade pra gente no tempo. Nossas brincadeira era mais em casa, só nós com os colegas; a gente brincava pulano na roça; ele dava as tarefa à gente... a gente fazia argolinha, brincava de bola no meio da roça, negócio de rua, dessas coisa assim, de ir pros povoado; a gente nunca teve essa liberdade não. Sempre era nós com nossos irmão: nós era muito unido dentro de casa... a gente se unia; logo

não tinha colega pra gente brincar, só era a gente mesmo. A gente brincava de pular corda, capitão, macaco (um tal de macaco que tinha), baleado, bandeirinha. Tinha muita coisa assim pra gente brincar. Tinha uma tal de boca de forno, tinha três-três passarás. Hoje em dia, o pessoal não tem essas brincadeira: as brincadeira é só as porta de bar. Mas antigamente era muito divertido na roça.

Tem uma coisa da infância que eu não esqueço: a dificuldade pra estudar. Eu mesma comecei com sete anos com minha vó, porque ela me alfabetizou em casa. Era muito difícil porque a gente tinha que trabalhar na roça e não dava tempo ficar indo pra escola. Com sete anos, eu comecei a ir pra escola na casa de minha vó; nesse tempo, não tinha escola... assim escola pública.. aí minha vó começou a ensinar a gente, na casa dela, pertinho de lá mesmo; a gente ia andando, pertinho. Ia nós todos os irmãos, os vizinho também. Nós fez a alfabetização lá. Ela ensinava naqueles ABC, que tinha as letras, as consoante aí formava; tinha palavra pra gente ajuntar pra formar; tinha as letras pra gente formar palavra que nome dava. Hoje nem existe mais esses ABC. A gente nem sabia pegar no lápis ainda; aí ela fazia um buraco no papel; aí tinha umas letrona do ABC; aí ela colocava em cima assim as roda, cortava os números, porque era pra gente aprender em letras e aprender em números. Aí depois, quando a gente foi ficano mais espetinha, que a gente não escrevia; a gente passemos a estudar na Jibóia – aí já foi na 1ª série. A escola da minha vó era na casa dela mesmo, casa comum mesmo; a gente sentava na mesa, cadeira... não tinha quadro; era somente ela ditando, só trabalhava com ABC. Tinha caderno, a gente escrevia; tinha caderno, lápis, borracha, mas era só com o ABC mesmo. Ela ensinava também a fazer conta: tinha tabuada; ela ensinava a tabuada. Na hora de merenda ela rancava a goiaba, um bocado de coisa e dava pra gente comer. ERA BOM DEMAIS! O recreio ela dizia: “Vão, vão brincar uma horinha, vão descansar, depois vocês volta.” Aí depois ela dizia: “Tá na hora!” E balançava uma latinha de zinco pra gente vim. A gente levava o caderno pra ela escrever a letras bem graúda; pra de lá a gente vim pra casa pra vê se a gente acertava pegar o lápis pra cobrir. Ela falava: “B o bu, le é lé, BULE”. Quando eu fui já pra escola pública, eu já sabia as letra – minha alfabetização foi feita assim. Minha vó também contava histórias pra gente, e eu sempre gostava das histórias, ficava pensando nos personagens, de assombração; então, eu gostava muito... isso fora lá da escolinha dela, na escola era só o ABC, as conta. Assim, mesmo sem formatura, eu aprendi a ler, a gostar de ler com minha vó que me alfabetizou, que dizia que a leitura era importante pra nós. E foi ela que fez eu lê pela primeira vez.

Da casa de minha vó, eu fui pra Fazenda Jibóia fazer 1ª série: eu estudei 1ª, 2ª e na 3ª eu já fui pro povoado do Roçadinho, nós estudava lá no Roçadinho. Quanto tava se acostumando com uma escola, ia pra outra porque não tinha como continuar na mesma, pra os estudo ir melhorando. Pra escola do Roçadinho, a gente ia de a pé: era meia hora de relógio que a gente gastava... a gente estudava a tarde; a gente trabalhava até onze horas, aí a gente ia pra casa tomava banho. Quando dava dez pra meio-dia, aí a gente ia, na perna, num sol quente, ia eu, meus irmãos, uns vizinhos, primo. Menina, quando era de tarde quando a gente vinha... logo a gente almoçava cedo; antigamente não era as coisa que tá tendo hoje tudo de fartura, que não era mesmo. Eu quero dizer assim... não era que nem hoje que as coisa era tudo mais fácil, como é que diz... antigamente era carne, farinha e feijão; hoje em dia as coisas modificou mais os alimento. A gente não tinha negócio de merenda; aí a gente ia pra escola... menina, quando a gente vinha de lá pra cá, era uma fome no caminho... a gente comia tanta folha de imbu no caminho. Ela ((professora)) sempre soltava a gente quatro e quarenta – era até cinco hora –, mas a gente ela liberava mode horário pra gente vim de lá, e a noite não tomar a gente no caminho. A volta - tirando a fome - era divertida, porque a gente atacava os pés de imbu que achava. Fazia brincadeira com os outros que ia, pegava coisinhas do mato pedrinha... até passarinho, às vez, os menino pegava pra levar pra casa pra criar, pra brincar, sei lá. Aí no Roçadinho, já foi mais diferente: já foi mais avançado. O mais diferente lá era matemática, porque a professora que eu estudei a matemática, ela puxava mesmo... fazia a gente aprender de verdade. A gente sentiu um pouco de dificuldade, mas a professora que ensinou a gente lá ela foi nota mil, foi a 3ª e a 4ª, que eu estudei lá.

Depois da 4ª série, em 86, eu fui pra rua, estudar em Serrolândia; estudei lá no municipal, a 5ª série. Eu sei que foi difícil porque não tinha transporte nessa época: a gente ia a pé, a gente gastava quarenta minutos agora nós era pé quente mesmo. A gente estudava a noite porque a gente trabalhava durante o dia na roça. Tinha vezes que a gente ia com as meninas da fazenda Jibóia que estudava lá também, quando terminava cedo aí a gente vinha a pé; aí chegava onze, onze e meia em casa, aí nós achou difícil. Aí eu comecei, me matriculava, no meio do ano não guentava, aí desistia. Eu sei que de 86, eu me matriculei umas três vezes e não consegui. Eu falei: “Ó, sabe de uma? Eu não vou guentar estudar e trabalhar na roça. Então eu vou parar de estudar: ou uma coisa ou outra”.

Eu sei que os pais da gente tinha esse negócio “VAMO TRABALHAR! VAMO TRABALHAR!” – não tinha essa prioridade que os pais tá dano pros filhos hoje: o filho vai

estudar. Hoje em dia, tem de tudo: é transporte, é coisa de... vem verba de governo, e antigamente não tinha nada disso: a gente quebrava licuri e fazia tudo pra gente comprar lápis, borracha, livro, caderno; já hoje em dia tem criança aí que a gente vê que os pai adula pra ir pra escola e não quer nada da vida. Já eu queria ter antes dessa infância que o pessoal tem hoje pra estudar que talvez eu não tava arrependida de ter parado meus estudo tão cedo. Eu também sentia dificuldade no colégio porque passava muita atividade; então a gente trabalhava o dia e não tinha tempo de estudar. Quando era tempo de prova, teste, alguma coisa assim, a gente não tinha tempo de estudar, e a gente começou a não tirar notas boa; aí a gente desistia na 1ª e 2ª unidade, “Ah, eu não vou passar de ano, eu vou desistir porque é muito difícil e tal e não tenho tempo pra estudar”. E por isso a gente parava de estudar. Eu mesmo parei cedo, eu avancei e depois eu parei. E aí depois que eu desistir uns anos, eu fiquei só trabalhando na roça. [...] Aí quando eu casei com vinte e sete anos, meu esposo sempre falava: “Fô, por que tu não vai estudar?”. Eu achava difícil tomar conta de casa, trabalhar na roça e estudar. A lida da roça era grande. Eu sempre dizia: “AH, NÃO! DEIXA OS MENINO CRESCER! DEIXA OS MENINO CRESCER!”. Aí quando foi agora, ele insistiu. Assim ele sempre falava: “Oh, tu estuda, que tu tá perdendo alguma coisa, e tu vai se arrepender mais tarde.” Eu sei que ele me deu muita força, não foi desses que fica exigindo “Ah, pra quê mulher estudar?” Sempre ele me deu uma força, mas eu achava difícil, tinha medo de eu estudar e não passar de ano. Aí quando foi agora me deu aquela... eu tomei a força que ele tava me dano. “SABE DE UMA? EU VOU ESTUDAR!”. E esse ano, comecei a estudar e peço a Deus que não quero desistir. Eu tô estudano 5ª e 6ª, no EJA, porque a minha idade tá avançada; eu acho que é mais uma prioridade pra eu avançar mais um pouco. E eu gosto do EJA.

O fato de ser da roça eu senti um pouco de dificuldade quando a gente chega lá ((escola da cidade)), porque eles tinha um dizer assim, que alguma coisa que aparece assim, vamos supor, um quadro rabiscado, uma parede rabiscada “Ah, é o pessoal da roça, é os tabaréu da roça”. Tinha esse dizer que era os tabaréu da roça. Lá mesmo, na minha sala, tinha esse ditado: “É... os tabaréu da roça”. Tudo que aparecia dizia que era os tabaréu da roça que fazia. Eles tinha também a crítica que o pessoal da roça não sabia falar; só quem sabia era o pessoal da zona urbana. Então teve muita assim... difícil assim a gente unir uns colega com os outro... os colega da zona rural com a zona urbana. A gente fica separado no começo: o povo da roça com os da roça e eles ((alunos e alunas da cidade)) com os grupos dele mesmo.

Esse ano, quando eu retornei pro colégio, em alguma parte, eu senti dificuldade, porque quando a gente passa um tempo... Parei em 86 e voltei agora, passei vinte e seis anos sem estudar; então a gente, pra ler e escrever não, porque eu sou engajada na comunidade, aí sempre eu tô lendo, tô escreveno. Em casa, eu escrevo, eu faço algumas coisas assim pros menino, não é bem não porque eu não sou bem chegada pra ler e escrever. Mas só meu português assim, que tem hora que eu disse: “Eu vou estudar porque tem umas palavras do português que minha língua não dá pra falar... eu vou estudar, que é pra mim saber, se tiver alguma palestra, alguma coisa assim, eu saber conversar direito, pra não chamar os tabaréu da roça. Aí, como é que diz, das coisas que eu aprendi, no caso... eu esqueci um pouco porque tem muito tempo, porque quando a pessoa começa assim na etapa da 1ª até ir a frente, aqueles assunto sempre vai aumentando, não vai diminuindo. Tem alguma coisa que eu lembro ainda quando eu estudei na 4ª série, mas tem outras que eu tenho que estudar bastante mesmo pra mim lembrar. E hoje eu vou de ônibus: não é todo dia que o ônibus vem, mas eu moro mais perto agora da cidade; então a gente vai a pé; tem um grupo aqui que estuda à noite. A gente vamo de a pé e volta a pé também, chega em casa dez, dez e meia. Mas aí é mais tranquilo, porque antigamente eu tinha aquela de levantar cinco horas da manhã pra mim ir pra roça. Hoje em dia é mais livre, no caso, o esposo não pega no pé pra negócio de roça não, pra ir pra roça não; a gente vai assim, mas não é aquela coisa como antigamente, que tinha que ir com meu pai dizia tinha que ser pra roça mesmo.

A escola da cidade tem várias diferença da escola da roça: os alunos são mais - tem muito aluno da zona rural também, dos povoados; tem também carteira à vontade, tem material de coisa de escola, tem à vontade. Antes na roça não tinha livro, essas coisa. A gente não tinha que comprar e não tinha condições pra comprar que era caro. Era só em negócio de apostila pra gente ler, ali era difícil. Agora tá mais fácil o estudo na cidade. No Colégio em Serrolândia, só o que lembra da roça é a natureza, em ciência, sempre a ciência fala da natureza que mexe com coisa da roça, né? A diferença é que o homem destrói e a natureza que Deus faz ninguém pode destruir.

O estudo de hoje é diferente, no caso é mais desenvolvido do que antes de um tempo atrás que eu estudava; ninguém sabia esse negócio de tecnologia, agricultura, essas coisas assim não tinha antigamente. Era só negócio de só pegar pelo livro e quase ninguém, como é que diz, sabia de nada pra passar pra gente, como coisa da natureza, que hoje a gente tá veno aqui que o mais que tá acontece no nosso Brasil é a destruição da natureza, né? Que faz parte do

ambiente e faz mal pro ambiente porque sem a natureza a gente não vive também. Faz parte da vida da gente a natureza. Quando eu terminar os estudo, se Deus me abençoar, eu quero ser uma pessoa que eu possa ajudar alguém, assim se alguém chegar assim, “Fôr e isso aqui?” e eu saber juntar mais ela e a gente resolver o problema. E aí eu espero que a escola me ajude nisso, a eu ter, como é que diz, uma disciplina pra eu saber o que eu quero de minha vida, se vai ser juíza, advogada, professora, alguma coisa assim. Fazer como o outro, meu sentido é ir pra escola pra eu ser alguma coisa, alguém na vida. E hoje eu vou pra escola porque eu decidi mesmo, não sou obrigada de ninguém.

A diferença do que eu aprendi com meus pai e com a escola é muita porque antigamente, até pra falar com a gente, era estúpido. Meu pai e minha mãe mesmo era muito ignorante: só falava tudo com aquela rupidez com a gente... aquela coisas mesmo grossa, e hoje em dia não: os professores é tão paciente com a gente, começa a dar risada, um começa a falar coisa e eles: “Psiu!!! Pára”. A paciência na forma de ensinar é totalmente diferente dos meus pai. Assim, a educação que os pais da gente ensina a gente ser educado. Meu pai era daquele tipo de homem ignorante, mas eu aprendi muito com ele, porque papai dava MUITOOO, como é que diz? Ele não era desses pais que se fosse uma coisa pra gente fazer errado, ele não tinha negócio de encubrir; tudo dele era pra ser direitinho, ele não gostava nada mal feito, se um menino malinasse numa coisa, assim de fora, ele vinha saber se era a gente. Papai era daqueles povo de carrancismo, se ele deixasse alguma coisa pra gente fazer e ele chegasse e não tivesse feito a gente apanhava, ele batia de verdade e dizia: “Olhe, eu não tô criando vocês que nem meu pai me criou”. E sempre a gente foi obediente. Ele já contou pra gente que uma vez a mãe dele colocou uma comida pra ele comer; e ele fez assim com o pé que não queria, e o pai dele deixou ele dois dia com fome, não deu comida. Com a gente, ele nunca fez isso não, porque sempre a gente tinha medo; bastava ele olhar pra gente com aquele olho feio e nós ficava com medo de apanhar. Aí meu pai ensinou a gente, onde a gente vê uma coisa, a gente deixava. Se a gente chegasse com um brinquedo em casa, papai perguntava onde a gente achava; se a gente pegava uma boneca e dizia que era das menina: “Quem foi que lhe deu?” Ele ia lá saber, papai era assim. Sempre mainha gostava mais de tapiar a gente; às vez, a gente fazia o mal feito, sempre quando era na seca tinha algum tanque com pouca água e aí a gente vinha da escola e aí nós inventava: “Vamos pegar peixe!” e aí nós caía no tanque dos vizinho e espatifava a água todinha. Quando chegava em casa, que a mulher ia dá queixa, mainha dizia: “José vai dá uma surra em vocês” e a gente pedia: “Não mainha a senhora não conta a ele não”. Ela mandava a gente lavar a farda e não contava a ele não porque ela sabia

se contasse ele batia na gente mesmo. Eu conheci só a avó da parte de minha mãe, meu pai ficou com sete anos quando os pai morreu. Com doze anos, ele tem quatro irmãos e ele que tomou conta. Com doze anos, ele tomou conta da família e casou com dezesseis e minha mãe com dezoito. Antigamente quando um tava conversando, se o menino passasse no meio, AVE-MARIA!!! Bastava ele ((o pai)) passar um rabo de olho pra gente, na hora que aquela pessoa saísse tinha na certeza que ele chamava no quarto, era puxão de orelha, era puxão de cabelo, era alguma coisa e ele reclamava mesmo. E, hoje em dia, tá mais comum; o pessoal hoje em dia não tá mais levano essa coisa a sério... como é que eu quero dizer... assim de todo esse respeito que o pessoal tinha antigamente, era tudo ignorado e hoje não.

Tem diferença também na forma de falar de meus pai com o da escola. Aqui na roça, o português é outro: tem diferença na forma de falar de meus pai com o da escola, sempre as palavras são diferente, que nem eu falei que meu português sempre é mais fraco, pra baixo do que alto. Eu acho que a escola modificou do que eu falava, no caso, eu acho assim as palavras, como “Menino tu troxe isso aqui?”... alguma palavra assim que o certo é “trouxe”. Eu falava “troxe, truxe” “Menino, tu botou isso aqui! Menino, cadê isso daqui? Tu tirô daqui e botou na onde?”. Hoje em dia, a gente vê que é colocou aonde e tal, é totalmente diferente. E isso eu descobri na escola, no colégio em Serrolândia. Porque aqui na roça a gente tem outra forma de falar, sabe? É uma forma assim sem muita preocupação com regra, essas coisa, a gente aprende falando com os outros e aí vai repetino a forma de falar. A fala aqui é como as outra coisa que a gente aprende assim de pai pra filho, sabe? Igual plantar, coivarar, assim. A gente vai ouvindo os mais velho e aí vai falando como eles, vai pegando os costume da fala mesmo e pra gente é certo; a gente só descobre que fala errado na escola.

Eu fui estudar na cidade, na 5ª série, porque na zona rural não tem, foi por falta de opção porque lá só tinha até a 4ª. Agora, mesmo estudano na cidade, meu jeito é sempre esse, não mudo não com a escola. Tem gente que porque mora na cidade, às vezes na vida financeira é até pior do que a gente, mas porque mora na cidade, aí quer botar aquela posse de dizer que pode mais, que tem mais poder do que quem mora na zona rural. Eu vejo diferença do povo da roça do da cidade é o jeito de falar, aquele rompante assim que é da cidade, só no dizer que é da cidade, eles acha que sabe mais do que os da roça, agora na maneira de se vestir, de andar... essas coisas é tudo igual hoje.

Minha experiência no Colégio estadual, nos primeiro dia, foi difícil; os colega diferente... daqui que eu fosse pegar nova amizade... foi difícil a amizade. Os professor também, que tinha vários professor (parece que era cinco professor nessa época... cinco ou era seis), porque na roça só era um só. “Meu Deus do céu, pra cinco, eu vou sair de baixo. Eu não vou pra escola não.” Eu achava difícil, pra mim era difícil! Aí eu me senti tão perdida lá... “MEU DEUS DO CÉU!” Agora, no Colégio Estadual eu nunca tive crítica dos colega por causa da roça não. E agora, hoje me sinto melhor; como diz o outro... já me acostumei, tinha mais amizade; os colega da minha sala já era colega sem ser de sala de aula, e juntou aquela coisa de já ser colega por fora da sala de aula e agora ficô mais fácil. A escola da cidade não mudou meu jeito de ser não. Não me mudou em nada. Até a minha forma de falar continua o mesmo ainda, não deu pra pegar ainda o português correto não. A escola da roça ajudou a escrever; ler, que eu comecei na zona rural... desenhar, pintar... essas coisas assim.

Eu tenho um engajamento na comunidade, sou da comunidade mesmo. Eu sou tesoureira e faço parte da liturgia, é da igreja Católica. O que eu tô aprendeno no Colégio, eu acho que serve, porque como a gente aqui no povoado, na zona rural, a gente tem associação; é muito importante (como é que diz) participar dessas coisas. Meu esposo também, ele participa dessas coisas, assim da agricultura, apicultura... Aí sempre uma coisa; duas coisas é mais do que uma, né? Juntando uma coisa com a outra, dá pra gente entender melhor. Eu tenho vontade de me formar, porque eu acho assim que é mais fácil pra vida financeira da gente... arrumar um serviço... a pessoa tem mais experiência pra fazer um concurso; facilita bastante na escola, a gente escuta os professor dizer que a gente precisa ser alguém na vida, ter um futuro melhor que o da roça. E pra isso tem que aprender a ler, falar direito. Estudar muito. Agora, quando eu me formar, eu não tenho vontade de sair daqui ((roça)) não; por enquanto não. O meu futuro (eu penso assim), eu ter um bom trabalho, assim um concurso pro Estado, pra professora, eu não tenho muita vocação não, eu não tenho paciência. Eu penso pra ser secretária, uma coisa assim... pode ser do colégio. Vamos sipor: cesta do povo, que faz parte do governo; posto, alguma coisa ni posto, assim... tanto faz trabalhar na cidade como trabalhar na zona rural; só se Deus mesmo vê que eu tenho que sair, né? Não é meu sonho sair daqui não. Eu hoje já tenho vontade de deixar o serviço da roça, porque é muito cansativo; a gente já tá mais pra idade... é muito cansativo mesmo; só essa coisa de plantar e colher e vender pros zôtros... já prato pronto.

Minha vida no trabalho foi que nem eu falei: desde sete ano que a gente trabalha na roça. Foi passano o tempo, eu aprendi muita coisa: eu já capinei, plantei, colhi também, já trabalhei ne roça. A gente plantava milho, feijão, andu, mandioca, maniva, como diz eu, porque mandioca a gente não planta: planta o pau, que é a maniva, pra dar a mandioca, magalô. De tudo a gente plantava: aimpim, batata... tudo assim a gente planta. Aí eu aprendi muitas coisa mesmo: fazer beiju, quebrar licuri... Agora com os animais, pouca coisa: eu não aprendi tirar leite, essas coisas assim... Crio galinha, porco; tenho aí no quintal porco, galinha... tenho até um carneirinho que o menino ganhou no bingo. Quando eu era pequena, a gente trabalhava pra o pai da gente e pra nós mesmo. Uma vez mesmo, quando foi pra eu estudar no municipal, (ele não tava em casa – meu pai) juntou eu e minha irmã mais velha... Ela falou assim: “Ô Néia, vamo rancar aquela mandioca”. A gente tinha casa de farinha naquela época. “ Vamo rancar aquela mandioca e vamo fazer dois saco de farinha pra gente vender e pra nós tirar as foto pra nós estudar?” Bem, assim nós fez: nós arrancou, raspemo, cevemo e nós mesmo mexeu, nós mesmo fez dois saco de farinha. Ela pegou o dela, a parte dela e se mandou pra São Paulo (como é que diz?); se mandou ((risos)), assim, como é que diz... se mandou, não pagou a passagem, sabe? “Eu vou é me mandar e vou pra São Paulo mais tio Val; esse daqui dá pra eu levar pra eu não ir de mão pura no caminho, que mainha não vai me dar mesmo”. Aí ela se mandou e eu peguei o meu e fui tirar as foto, comprar as coisas do colégio, comprar a farda, eu sei que deu e foi nós mesmo que fez. Quando ele chegou: “Quem rancou a mandioca?” “Foi eu e Néia”. “É mentira”. “FOI! NÓS BOTÔ FOGO NO FORNO” . Isso foi em 86; eu tinha quinze anos.

Na adolescência, a gente trabalhava também, a semana toda. O sábado e domingo era em casa mais: lavava roupa, arrumava casa, varria terreiro. O terreiro era enorme; descia aquela casa de farinha na cancela; ali era tudo varrido, eu e minhas irmãs varria tudinho, cuidava bem. Hoje em dia que a gente deixou mais, mas era bem organizado antigamente. Sempre toda vida nós gostou de nossas coisa tudo organizada, nós varria com vontade mesmo. O povo da Jibóia passava e dizia: “Êta que as menina, menino, deu uma caprichada no terreiro hoje, viu?... até o caminho, elas varreu a estrada”. Pra mim, a roça faz parte de mim, não é só uma questão do lugar: é que parece que fica entraiado na gente tudo que a gente vive aqui. O pasto, o terreiro, a roça... tudo tem história da gente. Você anda pelos lugar... é como se fosse um filme: você tá lá no pé de feijão, na mandioca, no milho, no terreiro varridinho, na cerca. O varandado sempre serviu pra gente conversar com as amigas. Quando papai não tava lá, era ótimo,

porque a gente falava o que tinha vontade; era o lugar de namoro, também porque era o lugar melhor da casa pra ficar. Via a lua, as estrela... tomava um arzinho, ficava mais livre.

Com o passar dos tempo, continuei trabalhando na roça; aí no caso, eu casei em 97 e aí eu já trabalhei mais pouco. A gente tirava, ganhava, fazia assim: a pessoa rancava mandioca pra lá, pra nossa casa de farinha, nós mesmo que era as trabalhadeira, eles não colocava outras pessoa; aí então o que a gente fazia era da gente mesmo; agora sobre a roça era só pra o custivo de dentro de casa. Às vezes, quando tinha muita, naquela época, era as coisa mais de fartura, de roça, dava melhor; então ele vendia e pegava dava algum dinheirinho a cada um, mas não era muito pra fazer algum álbum grande, era coisa mínima mesmo. Agora a gente trabalhava pra gente mesmo: tirava tapioca e a gente vendia tapioca, eu não vendia nada na feira. Só minha irmã, Giné, que vendeu andu uma época. A gente gostava muito do trabalho da roça, e hoje acho que é porque hoje em dia já tô mais na idade, hoje eu vou a pulso. Agora, quando era criança, eu sempre gostei, sempre dizia lá em casa: “Quem fica? Quem vai pra roça?” Eu era a primeira que gritava da cama, eu já levantava logo: “ÓIA, EU VOU, EU NÃO VOU FICAR NÃO.” Eu não gostava de negócio de pé de fogão. A gente dividia: uns ficava a semana; outras ia outra; uns ficava em casa, e outros ia pra roça; sempre era dividido. Eu aprendi o serviço da roça com meu pai e minha mãe e meus irmão mais velho também. Eles ia fazendo, a gente olhando, sempre a gente ia mexendo até que ia aprendendo de verdade, aos pouco. Até na enxada eu peguei.

Na comunidade é (como é que diz) é muito importante que a gente luta em união, né? um ajudando o outro. Eu sou secretária; secretária não, menina: tesoureira da comunidade de Boa Vista. Sou tesoureira e faço parte da liturgia, da igreja Católica. A liturgia é celebrar os domingo, que nossa comunidade é assim: cada domingo tem duas pessoas que fica com a parte da liturgia. Eu sou associada da associação daqui, Associação de Boa Vista - Associação Comunitária Rural dos Moradores de Boa Vista, aí eu sou a 2ª secretária da associação e sou associada também desde 2000. É desde 2000 no sindicato; faço parte do sindicato dos trabalhador rural, sou associada também lá. MENINA! A associação assim a gente se reúne pra gente decidir o que a gente quer pra nossa associação pra ajudar os associados, só que ainda não tivemos ainda lucro nenhum, mas sempre a gente fica tentando buscar alguma coisa assim, algum trabalho, algum serviço pra gente (como é que diz?) ter mais lucro do que roça, não deixar a roça de tudo, dividir, no caso. A gente tem vontade de montar uma (como é que fala?) Polpa de fruta - tipo uma fábrica assim de polpa de fruta,

onde todo mundo da associação participe. Na verdade, tem duas; no caso, pra vê se sai, a de doce e a de polpa de fruta, como se fosse doce de banana, doce de goiaba, assim essas coisa assim. A gente tem essas duas questão, pra vê se Deus ajuda que o governo ou o presidente, seja lá o que for, labore e dê certo. A associação tem tudo estatuto, a associação é toda... A reunião da associação ficou agora de dois em dois meses, que antes a gente reunia, toda vez todo primeiro sábado do mês, aí ficou sem assunto, aí ficou de dois em dois mês a gente reuni. Lá eu sou associada e também sou a 2ª secretária. Quando a minha cunhada não pode ir, eu substituo no lugar dela; e, no sindicato, sinceramente, eu só fui numa reunião sozinha – lá só sou associada e pronto.

E foi assim que eu aprendi muitas coisa na roça que não aprendi na escola: rodar bicicleta eu aprendi na roça, vamo sipor... cozinhar; eu aprendi na roça ter as coisa tudo em ordem, como eu quero dizer, ter cuidado com a roupa, como alguma coisa assim; aprendi isso na roça. Quando eu fui pra escola, já sabia da organização. O rigor do meu pai me ensinou a ser educada, ser alegre; os horário também: o fato de morar na roça, ter cuidado com o horário, acordar cedo e ter aquele horário certo, isso aí eu aprendi muito. E antigamente não tinha esse negócio de relógio, nem rádio. Quem tinha rádio antigamente era o mais rico da cidade, não tinha nem isso antigamente. Na minha infância, não tinha rádio nem relógio. Então a gente era pela sombra: a hora que tava na roça, a hora de ir pra escola. Na beirada da casa lá, foi um senhor lá com relógio, e a gente procurou um gentão mesmo (nem lembro mais nem quem foi): “Fulano, que hora é essa?” Ele: “Tal hora”. Aí nós pegou um pau, “nós vai marcar aqui, ó, essa sombrinha aqui, é nosso relógio. Quando essa sombra tá aqui, é hora de nós ir pra casa, tomar banho pra nós ir pro colégio”. Que era onze e quarenta. E meio-dia a sombra tá retinha com a gente; a gente fica em pé no meio da roça, e a sombra fica em cima da cabeça da gente; como diz o outro, dá sombra é de tarde: é quando o pôr-do-sol tá bem vermelho, e quando o sol também tá nascendo de manhã, a gente diz: “Êta, o sol vai ser quente hoje, vamô logo pra roça cedo, porque hoje é só até meio-dia. Passou de meio-dia, a gente não fica mais na roça” mode o sol, da temperatura do sol, que fica quente. E quando o céu ficava todo escuro e formava aquela nuvem escura, sabia que ia chover. E a barra vermelha, a gente se localizava pra o nascer do sol. Outra coisa era o remédio caseiro: quando a gente tava com dor de barriga, não tinha negócio de farmácia não: “vai ali e pega pau de rato” – chamava pau de rato – “ou pega raiz da caiçara” e fazia o chá e a gente tomava; a imburana também... a folha da imburana; pra tosse, a gente tomava cebola com alho e mel, tudo feito em casa mesmo. Antigamente não tinha isso de médico ou remédio de farmácia; era mesmo coisa caseira

mesmo. Quando o menino tá pra nascer dente, antigamente o povo dava chá do cansaço pra nascer dente rápido... essas coisa toda foi coisa de roça mesmo. Faz xarope de várias coisas do mato: folha de pinha madura, folha de manga espada, folha de tal do manjericãozinho do mato... essas coisa tudo fazia xarope e tomava. Pra tosse braba, também fazia o chá do coisa de sinzal: colocava em cima da chapa, espremia, saía uma aguinha e a gente tomava. Eu já tomei pra tosse braba. E hoje eu deixei de usar essas coisa é só na farmácia, tem deles que nem resolve... a gente só faz gastar o dinheiro. Eu acho que hoje tá assim por causa da sabedoria, eu acho que hoje o conhecimento, no caso, uns foi buscando longe que aqui não tinha uns ia pra Salvador, outros pra Feira, então trazia pra cá ((Serrolândia)) esse remédio da farmácia. Esse remédio da farmácia, no caso, foi trazeno, trazendo, trazeno e veio farmácia aí pra Serrolândia, e o povo foi esparamano, esparamano... eu sei que deixaro mais de mão esse negócio de remédio caseiro. Agora eu não deixei de tudo não, esse menino... Meu menino mesmo de nove anos, ele tinha bronquite asmática; começo de bronquite asmática – eu curei com xarope do abacaxi, o mel, o São Caetano, que é do mato, e a cebola branca. Eu fiz um xarope e dei a ele e, graças a Deus, curou melhor do que o remédio da farmácia... tive resultado. Aqui na roça tem muita reza também pra curar de mau olhado, ventre caído, espiela caída, tem reza pra tudo. Os mais velho sempre tem as folhas, as rezas certa pra muita coisa. E DÁ CERTO, VIU? Tem muita gente que já foi curado assim com as rezadeiras daqui da região. Não é todo mundo que reza não, tem as pessoa certa e que consegue resolver com as reza os problemas que tem de saúde. Até animal recebe reza.

Na cidade grande eu já fui em São Paulo, e em Salvador só passear: eu passei nove mês em um e sete no outro, não fui pra morar definitivamente não. Eu achei muita diferença a poluição... essa coisa assim... é muito agitado, tem negócio de metrô, ônibus, essas coisa assim... tudo tem que pegar metrô, ônibus; então ali tudo é agitado mesmo, muito corrido. Ninguém é descansado que nem aqui, vai em Serrolândia de pé, vai não sei aonde e lá não, tudo tem que ser em cima, na base do relógio, não podia perder nem cinco minutos. Eu tive muita dificuldade lá; por isso, que eu não fiquei ((risos)). Essas coisas assim... achei muito agoniado, muito agoniado. Já em Serrolândia, é mais fácil a gente, no caso assim, ir no posto, ir no hospital, ir no correio, no sindicato, no supermercado, que nesse lugar grande faz medo a pessoa sair até pra ir no shopping em alguma coisa assim, né? Porque pra negócio de roubo é o mínimo que tem e aqui não; aqui é mais tranqüilo, a gente se sente mais à vontade. Aqui, em Serrolândia, eu só não consigo resolver negócio no Banco, não sei não. Já me mandaram eu fazer isso, mas só que eu nunca aprendi não, não sei fazer nadinha no banco. Só uma vez

que eu fui lá dentro, lá, mas foi a menina mesmo que fui pagar uma prestação, pra depositar um cheque, só cheguei lá e dei a menina: “Quero depositar esse cheque aqui”, e ela botou. Eu não tenho muito conhecimento com esses negócios de computador não, até no banco, eu não consigo mexer nas máquinas pra resolver as coisas pra mim não; quem faz tudo é meu marido mesmo. Ele já fala comigo: “Tu tem que começar a mexer porque uma hora eu não tô em casa, e tu tem necessidade e tu não vai saber”. Eu fico com esse depois e nunca tive, assim: vamo agora pra colocar pra eu digitar. Mas, eu sei me virar em outra coisa. Como participo da comunidade, dos projetos a gente sempre tem conhecimento sobre outras coisas, mas eu sei que o computador ajuda muito. Em Serrolândia minha dificuldade é no Banco. Em Jacobina, eu também resolvo na receita, negócio de tirar CPF, no INSS, alguma coisa assim, no hospital, eu não preciso de acompanhante não.

Minha história é isso: às vezes eu nem sei direito quem eu sou hoje, porque a gente vive lá e cá, assim faz um pouco de tudo. Eu sou uma mistura da roça com a cidade. Fico sempre lá e aqui. É assim sempre. E é isso! História a gente tem muita. A história na roça nunca acaba, tem sempre história pra contar.



Foto 03 - Jucivalda, na Fazenda Várzea dos Patos, em 05/08/07.